

A “FANTÁSTICA” (RE)CONSTRUÇÃO DO PASSADO: uma análise sobre memória e o uso de inteligência artificial na série Fantástico 50 anos¹

Ana Paula BAZI²

Mario Abel BRESSAN JÚNIOR³

Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC

RESUMO

O presente estudo busca analisar o primeiro episódio da série "Fantástico 50 anos", que reconstrói o programa inaugural perdido em um incêndio em 1976, usando inteligência artificial e as lembranças das pessoas envolvidas. Nosso objetivo é problematizar os motivos pelo qual o telejornalismo busca recriar a memória televisiva e o papel da inteligência artificial nesse processo, além do impacto na memória coletiva. A metodologia adotada será a análise de conteúdo de Bardin e a base teórica de pensadores sobre memória, esquecimento, nostalgia, mídia, tecnologia e evolução da TV.

PALAVRAS-CHAVE: memória; televisão; inteligência artificial; Fantástico.

INTRODUÇÃO

O programa telejornalístico dominical, Fantástico – o show da vida, está no ar em TV aberta brasileira pela Rede Globo desde o dia 5 de agosto de 1973. Nesses 50 anos de transmissão semanal ininterrupta, o Fantástico tornou-se atração amplamente conhecida em território nacional e atravessou a memória de diversas gerações de telespectadores.

Em comemoração ao seu meio século de existência, o programa realizou a série “Fantástico - 50 anos” com depoimentos de diretores, produtores, apresentadores, repórteres e pessoas envolvidas na trajetória do Fantástico. A série é composta por cinco episódios que foram transmitidos ao longo dos cinco domingos do mês de agosto de 2023⁴.

Neste estudo vamos apresentar uma proposta de análise do primeiro episódio da série, que tem como diferencial, a reconstrução do primeiro programa que foi ao ar, uma

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Inteligência Artificial: usos e perspectivas críticas, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Unisul, email: anapbjornalismo@gmail.com

³ Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Unisul, email: marioabelbj@gmail.com

⁴ A série faz um recorte temporal e cronológico, abordando em cada episódio uma década de programa, que relata as diferentes fases e estratégias pelas quais o Fantástico passou. O primeiro episódio abarca o período de 1973 a 1983, focando na criação dos primeiros quadros e reconstrução do primeiro programa perdido, por meio de inteligência artificial. De 1983 a 1993, mostra bastidores da abertura que se tornou emblemática e reportagens marcantes numa época que o Brasil passava por profundas mudanças políticas. De 1993 a 2003, enfatiza a entrada das reportagens investigativas, as pautas de mistério e os quadros criativos. De 2003 a 2013, as reportagens internacionais de aventura, as novidades da internet, a entrada de especialistas de outras áreas atuando como repórteres, o entretenimento no esporte. De 2013 a 2023, evidencia os bastidores de uma produção contemporânea, a pandemia e as pautas ativistas.

vez que esta edição de estreia e toda a produção dos seis primeiros meses de programa foram perdidas juntamente com parte do acervo da emissora destruído no incêndio que ocorreu nos estúdios da Rede Globo, no Rio de Janeiro, em 1976. A solução para levar ao público atual as imagens deste programa inaugural foi reconstruí-lo a partir de recursos de inteligência artificial e das memórias daqueles que participaram do projeto e da elaboração do primeiro programa.

Diante desta experiência inédita no jornalismo, a presente proposta arquiteta um estudo para compreender por que o telejornalismo busca “reconstruir” a memória da televisão e como a inteligência artificial pode estar presente neste processo. Também pretendemos sistematizar uma análise visando aprofundar o impacto desta reconstrução na memória coletiva, visto não ser mais a original que evoca e constrói “a história”⁵.

Para este estudo, utilizaremos como metodologia a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) e reflexões sobre memória, esquecimento, nostalgia e mídia, fundamentadas por teóricos como Halbwachs, Pollak e Huysen.

TRANSFORMAÇÕES DA TELEVISÃO

A televisão dominou a segunda metade do século XX e, segundo Wolton (1996), essa TV generalista, tornou-se fator importante de “laço social”. Para o pesquisador, que observa a TV nesse contexto de massa, a força da televisão passou a ocupar o que até então costumava ser preenchido pelas demais instituições sociais, como trabalho e família.

Em que a televisão constitui um laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível. É uma espécie de common knowledge, um duplo laço e uma antecipação cruzada. ‘Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele (WOLTON, 1996, p. 124)

A televisão, que ocupou a centralidade da vida social, provocada pelo “assistir em comum”, pelas conversas incitadas nos mais diversos grupos sociais, pelo agendamento do tempo social de lazer dos telespectadores e pela sua capacidade de produzir memória social, se transforma dia a dia com os novos suportes tecnológicos.

⁵ Aqui nos referimos “a história” dos acontecimentos contada pela versão mais recente, que se remodela continuamente a medida que se tem novas evidências sobre os fatos passados.

A hipertelevisão, termo cunhado por Scolari (2004), indica com mais clareza as novas características da televisão, que vão muito além da concepção do aparelho móvel que transmite uma programação. O pesquisador indica maior interação entre emissor-receptor, articulação com outras mídias, diversidade de possibilidade de telas (computador, tablet, celulares), abundância digital com milhares de canais disponibilizados (inclusive por anônimos, em servidores como youtube), possibilidade de programação *on demand*, e também, o que aqui nos interessa analisar, introdução de novas linguagens, customizações e ferramentas digitais para produção de imagens.

(RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Levando em consideração o laço social de Wolton e a influência da TV na década de 70, partimos da hipótese que o Fantástico foi um dos programas que marcou a memória coletiva dos brasileiros desta época.

Para criar a teoria da memória coletiva, Halbwachs (2006) aprofunda as diversas formas, individuais e grupais, de construção de lembranças. De acordo com o pesquisador, as lembranças são geradas na medida que as relações sociais são consolidadas e pelas sensações individuais que estão envolvidas. As memórias, segundo ele, podem surgir a partir de fatos vividos, fatos contados ou herdados por gerações anteriores ou mesmo pelas lembranças disformes da infância

No entanto, Halbwachs (2006) considera que há um tempo social, exterior às durações vividas pela consciência, e que nesse espaço-tempo o indivíduo reitera suas lembranças e assim encontra entendimento com o outro. A memória histórica, compreendida como o tempo medido, datado, são apenas sinais exteriores, sendo a memória coletiva aquilo que é vivido e sentido em comum por determinado grupo dentro das lembranças históricas. Trata-se de uma história viva para aqueles diretamente envolvidos, que se perpetua e se renova enquanto os membros pertencentes ao grupo manterem-na.

Mas além dessa característica elástica, a memória também pode ser metamorfa e alterada pelas novas vivências ou quando recontadas. Assim como explica Halbwachs:

Em medida muito grande, a lembrança é uma reconstituição do passado com a ajuda dos dados tomados de empréstimo do presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. (HALBWACHS, 2006, p. 91)

Pollack (1992) também chama a atenção para esse aspecto de reconstrução de memória a partir das lembranças pessoais e coletivas. O tempo presente se mostra tão importante quanto o passado, pois de acordo com Pollak, a memória é seletiva: “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (POLLAK, 1992, p. 204)

Para entender a motivação contemporânea para reconstrução da memória do Fantástico, recorremos a Huyssen (2004). Para o autor, vivemos atualmente uma cultura da memória. Para ele, a memória se tornou uma obsessão contemporânea nos debates públicos diante da possibilidade do esquecimento. Esse medo do esquecimento mobiliza estratégias de sobrevivência de rememoração, na qual a mídia abastece mais e mais nosso dia a dia com memórias. O pesquisador indica que com a proliferação das mídias houve uma implosão no consumo da memória, onde o passado se tornou um “artigo” bastante lucrativo, mercadorizado e espetacularizado.

Mas Huyssen (2004) vai além. Para ele, esse movimento pela memória e pela musealização, termo que discorre da teoria de Lübbe, seria um sintoma da ansiedade perante “a velocidade das mudanças e o contínuo encolhimento dos horizontes do tempo e espaço”.

A desilusão e a falta de perspectiva com o futuro e o mal-estar da sobrecarga informacional sobre a psique, seriam alguns dos motivos para um retorno ao passado como um suposto lugar mais estável e de reconexão com afetos. “Quanto mais somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto.” (HUYSSSEN, 2004, p. 32)

A elaboração da série “Fantástico 50 anos” coloca a atual produção do programa diante das antigas equipes e das pessoas que “guardam” as lembranças, numa tentativa de produzir uma materialidade, um produto, capaz de manifestar a memória do programa. A proposta foi “reconstruir” o passado a partir dos vestígios, de arquivos e, principalmente, por meio dos depoimentos de pessoas que participaram do Fantástico em um tempo histórico específico, o início da década de 70.

DESENVOLVIMENTO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para esta investigação escolhemos empregar a estrutura metodológica de Bardin (2011), a análise de conteúdo, compreendendo que este suporte nos apresenta um conjunto de técnicas adequadas à observação de nosso objeto de estudo.

O primeiro passo se deu pela leitura flutuante, considerada pela autora como fator importante de pré-análise. Essa leitura orienta-se pelo modelo exploratório, onde podemos coletar as primeiras impressões, levantar hipóteses, projeções de teorias e de organização da pesquisa. Para esta etapa, assistimos a série completa na plataforma Globoplay. Após esta primeira leitura, como orientado por Bardin, passamos para a constituição de corpus, onde selecionamos o primeiro episódio da série como recorte de estudo e suas categorizações de análise.

O primeiro episódio da série, com duração de 46 minutos, foi ao ar no dia 6 de agosto de 2023 com a pretensão de contar o início do Fantástico e como ele marcou a geração dos anos 70. Para isso, foi preciso criar uma narrativa que explicasse por que a Globo não tinha mais os primeiros programas e promover um encadeamento de entrevistas que auxiliasse a remontagem do primeiro programa perdido.

Dentre os tipos de categorização propostos por Bardin (2011) optamos pela categorização semântica (categorias temáticas), buscando analisar a) memória, b) elementos visuais e c) falas dos entrevistados dentro dos seguintes blocos: abertura; entrevistas temáticas; abordagem geral; exibição do programa reconstituído; como é feita a inteligência artificial; e encerramento.

PONTOS EM ANDAMENTO

Considerando como o telejornalismo trabalha a memória da televisão, e para tal tarefa se utiliza das novas tecnologias de inteligência artificial, buscamos fazer a análise de uma experiência realizada pelo Fantástico. Como corpus deste estudo, selecionamos o primeiro episódio da série Fantástico 50 anos e agora estamos em andamento com as categorizações e análises detalhadas dos trechos, conforme o suporte teórico de Bardin (2011).

Identificamos que para analisar a memória da televisão é preciso compreender as mudanças no modo de assistir TV ao longo dos últimos 50 anos. A televisão, que dominou a segunda metade do século XX, e ocupou a centralidade da vida social, teve que se adaptar aos novos paradigmas temporais e tecnológicos. A hipertelevisão descrita por Scolari (2004) indica novas características da TV onde ferramentas e recursos

tecnológicos, como a inteligência artificial, integram e dinamizam os conteúdos televisivos, cada vez mais digitais.

Nesse novo contexto, a própria memória tornou-se artigo de consumo. Teóricos da memória, especialmente Huyssen (2004), indicam que estamos vivendo uma cultura da memória e travando uma cruzada contra o esquecimento. A proliferação das mídias e o desejo de reconexão com o passado impulsionam o mercado da memória. No entanto, percebemos que as possibilidades de reconstrução do passado são limitadas pela diversidade de interpretações ou até mesmo deformadas por interesses do presente ou simplesmente pelas alterações que as lembranças pessoais vão sofrendo ao longo do tempo.

Na análise exploratória, constatamos que a imitação proporcionada pela Inteligência Artificial por si só não é suficiente. Sem a contextualização e as entrevistas com as pessoas “portadoras das memórias” as narrativas históricas não fariam o mesmo sentido para o público telespectador. Apoiados nas reflexões de Halbwachs (2006), consideramos ainda que, esse “recontar” tem o potencial de criar novas marcações na memória coletiva. A continuidade dos estudos, ancorados no detalhamento proposto pela metodologia de Bardin (2011), nos possibilitarão encontrar novos aspectos e aprofundar essas reflexões.

REFERÊNCIAS

BRESSAN JÚNIOR, M. A. **A memória afetiva e os telespectadores**: um estudo do Canal Viva. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

FINGER, C. **Telejornalismo na TV e em outras telas**: o apagamento das fronteiras entre fluxo e arquivo. IN: Intercom - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0090-1.pdf> Acesso em: 5 de abr. de 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2ª ed. 2006.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2ª ed. 2004.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

SCOLARI, C. **Hacer Clic**. Hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - REMOTO - 22 a 24/05/2024

Barcelona: Gedisa, 2004.

WOLTON, D. **Elogio do grande público**: uma crítica da televisão. São Paulo:
Ática, 1996.